



Demografia e religião nos últimos 30 anos: uma análise de conteúdo da Revista Brasileira de Estudos de População¹

Demography and Religion in the Last Thirty Years: a Content Analysis of Revista Brasileira de Estudos de População

Paula Miranda-Ribeiro*

Raquel Zanatta Coutinho**

Rodrigo Caetano Arantes***

Andréa Branco Simão****

Resumo

O objetivo deste estudo foi fazer uma análise de conteúdo da produção científica sobre demografia e religião publicada pela Revista Brasileira de Estudos de População - REBEP, periódico da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, no período compreendido entre janeiro de 1984 e junho de 2014. Dos 567 textos (artigos, notas de pesquisa, pontos de vista e resenhas) publicados nestes 30 anos, 47 traziam a religião/religiosidade enquanto temática principal, variável de interesse ou de controle, ou ainda como elemento relevante para a análise dos resultados, sendo, portanto, analisados. Escritos por 70 autores, pertencentes a 42 instituições distintas, os 47 textos foram agrupados em nove temáticas (famílias, adolescentes/jovens, migração, povos indígenas, saúde sexual e reprodutiva, mortalidade e saúde, política, registros vitais e religião), com destaque para os dois primeiros. Em onze, a religião/religiosidade apareceu já no título. Vinte e dois deles utilizaram apenas dados quantitativos, oito usaram dados qualitativos e apenas quatro combinaram dados quantitativos e qualitativos. Apesar dos censos demográficos trazerem dados sobre filiação religiosa desde 1940, seria crucial coletar, também, a informação sobre frequência às cerimônias.

Palavras-chave: religião, religiosidade, análise de conteúdo, demografia

Abstract

The objective of this paper was to do a content analysis of the scientific production regarding demography and religion, published by Revista Brasileira de Estudos de População - Rebec (Brazilian Journal of Population Studies), a periodical that belongs to Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Brazilian Population Studies Association). The period under study goes from January 1984 to June 2014. Out of 567 texts (articles, research notes, points of view, and book reviews) published in the last 30 years, 47 were more closely related to religion/religiosity, either as the main topic, variable of interest, control variable, or relevant for the analysis. Written by 70 authors who belong to 42 different institutions, the 47 selected texts were grouped into nine themes (families, adolescents/youth, migration, indigenous people, sexual and reproductive health, mortality and health, politics, vital registration, and religion). The first two were the most frequent. In eleven of the texts, religion/religiosity was in the title. Twenty two of them used only quantitative data, eight used qualitative data, and only four combined both. Despite the fact that Brazilian censuses offer information about religious affiliation since 1940, it would be crucial to collect data on frequency of attendance to religious service as well.

Key words: religion, religiosity, content analysis, demography

Artigo submetido em 28 dez. 2014 e aprovado em 15 jan. 2015.

¹ Dedicamos este trabalho a Neide Lopes Patarra, primeira editora da REBEP.

* Professora Associada do Departamento de Demografia e pesquisadora do Cedeplar/UFMG; bolsista de produtividade 1C do CNPq. País de origem: Brasil. E-mail: paula@cedeplar.ufmg.br.

** Doutoranda em Sociologia na University of North Carolina at Chapel Hill, EUA, mestre em Demografia pelo Cedeplar/UFMG. País de origem: Brasil. E-mail: raquelzc@live.unc.edu.

*** Doutor em Demografia pelo Cedeplar - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, da Universidade Federal de Minas Gerais. País de origem: Brasil. E-mail: rodrigoarantes1@hotmail.com.

**** Doutora em Demografia pelo Cedeplar/UFMG, Professora da Escola de Serviço Social da PUC Minas e pesquisadora do Cedeplar/UFMG. País de origem: Brasil. E-mail: deia@cedeplar.ufmg.br.

Introdução

Pelo menos desde 1798, ano em que Thomas Robert Malthus publicou seu “Ensaio sobre o Princípio da População”, demografia e religião têm estado intimamente relacionadas. O autor, formado pela Universidade de Cambridge e professor de História e Economia Política, é considerado um dos pais da demografia. Com sólida formação religiosa, Malthus havia sido ordenado sacerdote da Igreja Anglicana um ano antes da publicação do “Ensaio”. Apesar da religião não fazer parte do modelo malthusiano propriamente dito, suas convicções religiosas imprimiram, em toda a sua obra, uma forte ligação entre demografia, economia e princípios religiosos (MALTHUS, 1996).

Já no século XX, as formulações da Transição Demográfica e da chamada Segunda Transição Demográfica levavam em consideração, em maior ou menor medida, questões ligadas à religião e religiosidade. No que tange à primeira, umas das razões apontadas para a alta fecundidade, crucial para fazer frente à mortalidade elevada nas sociedades pré-transicionais, eram exatamente as doutrinas religiosas (NOTESTEIN, 1945). O aumento da secularização, definida como uma redução na crença em construtos religiosos tradicionais ou, ainda, uma queda na aderência à religião organizada ou institucional (LESTHAEGHE; SURKIN, 1988), teve papel fundamental no processo que alguns autores chamam de Segunda Transição Demográfica, na qual os níveis de fecundidade se mantêm consistentemente abaixo do nível de reposição (2,1 filhos por mulher), as possibilidades de arranjos familiares se multiplicam e o casamento e a reprodução nem sempre andam juntos (VAN DE KAA, 1987). Portanto, não resta dúvida de que existem elos que unem a demografia e a religião.

Nos Estados Unidos, a produção científica sobre a religião, enquanto fator associado ao comportamento demográfico, é significativa. Há diversos trabalhos sobre fecundidade (GOLDSCHIEDER; MOSCHER, 1991; MCQUILLAN, 2004; MCKINNON et al, 2008), mortalidade (HUMMER et al, 1999; HUMMER et al,

2004), migração (MYERS, 2000; HAGAN; EBAUGH, 2003), nupcialidade (WAITE; LEHRER, 2004; VAALER et al, 2009), saúde (PAGE et al, 2008) e educação (MULLER E ELLISON, 2001; LEHRER, 2004), entre vários outros temas, que tratam desta associação.

E no Brasil, qual tem sido a produção científica sobre demografia e religião nos últimos 30 anos? Que tipo de trabalho tem sido feito? Quem são os autores e a que instituições pertencem? Quais são as temáticas cobertas? Para responder estas perguntas, ainda que parcialmente, apresentamos aqui uma análise de conteúdo da Revista Brasileira de Estudos Populacionais (REBEP), o periódico nacional mais importante para os demógrafos brasileiros. Mais do que isso, a REBEP é o “único periódico publicado no Brasil que tem por objetivo estimular e difundir a produção brasileira sobre demografia e população e desenvolvimento sustentável, assim como garantir o diálogo entre este campo e áreas afins” (REBEP, 2014). Foram analisados os 54 números publicados em português entre sua criação, em 1984, e junho de 2014. O objetivo deste artigo, portanto, é fazer uma análise de conteúdo da produção científica sobre demografia e religião publicada pela REBEP nos últimos 30 anos.

O artigo está organizado em três partes. Após esta introdução, o item 1 explica, brevemente, como a religião pode afetar o comportamento dos indivíduos. Os dados e a metodologia fazem parte do item 2, enquanto os resultados são apresentados e analisados no item 3. Finalizando, há os comentários finais.

Os resultados sugerem que, ao longo dos últimos 30 anos, a religião tem ocupado um espaço crescente nos textos publicados na REBEP. Mais do que uma variável contextual, a religião vem sendo utilizada como variável de controle e, sobretudo, como variável de interesse, sempre ligada a eventos demográficos. Escritos por 70 autores e co-autores, no período analisado foram publicados 47 textos, de alguma forma, ligados ao tema. Onze deles já faziam menção à religião ou religiosidade no título. Embora, ao longo do tempo, tenha sido observado um aumento do número de trabalhos que abordam a religião no âmbito da demografia,

este número ainda nos parece pouco diante do forte trânsito religioso observado nas últimas décadas.

1 Como a religião afeta o comportamento dos indivíduos?

Desde que a REBEP foi criada, em 1984, muita coisa mudou com relação ao panorama religioso brasileiro. Pouco antes de sua criação, em 1980, a proporção de católicos alcançava 89,0% da população brasileira, os evangélicos eram apenas 6,6% do total e 1,6% se declaravam sem religião (IBGE, 2004). Trinta anos depois, os dados do Censo Demográfico 2010 revelavam uma realidade bastante distinta: 64,6% dos residentes no país se declararam católicos, 22,2% evangélicos e 8,0% sem religião (IBGE, 2012). Assim, houve, neste período, forte trânsito religioso, definido como um “duplo movimento: em primeiro lugar, para a circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas [...]; e, em segundo, para a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposições, no tempo e no espaço, de diversas pertencas religiosas” (ALMEIDA; MONTERO, 2001, p. 93).

Mas de que maneira a religião é capaz de afetar a dinâmica demográfica? A literatura na área de fecundidade, por exemplo, aponta que a influência da religião pode se dar não somente por ensinamentos sobre contracepção mas, também, através de valores ligados a questões de gênero, sexualidade e família (GOLDSCHIEDER, MOSHER, 1991; GOLDSCHIEDER, 1999). Há que se considerar, ainda, a capacidade das instituições religiosas em comunicar seus ensinamentos e seu poder de fazer com que eles sejam cumpridos, bem como identificação dos fiéis com a comunidade religiosa (MCQUILLAN, 2004). Já no caso da mortalidade, apesar de não haver uma resposta definitiva sobre como a religião afeta esta componente da dinâmica demográfica, a literatura sugere que os indivíduos com maior envolvimento religioso tendem a ter mais amigos e maior integração social com a comunidade, o que contribui para um menor risco de morte. Além disso, a religião atua como mecanismo de regulação social, uma vez

que oferece normas de comportamento que podem impactar no estilo de vida – por exemplo, reduzir ou eliminar o consumo de tabaco e álcool e os comportamentos de risco. Finalmente, a religião oferece benefícios espirituais que podem contribuir para a redução no risco de morte. Um maior envolvimento religioso pode ajudar os indivíduos a terem uma visão de mundo mais positiva, o que aumentaria a capacidade de lidar com situações de stress, incluindo doenças, luto e desemprego (HUMMER et al, 2004). Finalmente, no que tange à migração, um maior envolvimento religioso, com fortes laços com a comunidade, podem atuar no sentido de desencorajar movimentos migratórios (MYERS, 2000).

E de que forma a religião tem efeito sobre o comportamento dos indivíduos? Smith (2003) propõe um arcabouço para os adolescentes, já utilizado para o caso brasileiro por diversos autores (OGLAND et al, 2010; VERONA, 2011; VERONA; DIAS Jr., 2012; CUNHA et al, 2014; VERONA; REGNERUS, 2014) e que, acreditamos, também se aplica aos adultos. Smith (2003) sugere que a influência da religião sobre a vida de um indivíduo se dá através de três fatores: ordem moral, competências aprendidas e laços sociais e organizacionais. A ordem moral diz respeito às tradições que promovem ideias sobre o que é bom ou ruim, certo ou errado, etc., orientam a consciência humana e motivam a ação dos indivíduos, atuando diretamente sobre eles através de diretivas morais, experiências espirituais e modelos a serem seguidos (“role models”). Os demais fatores, que atuam de forma indireta, são as competências aprendidas no âmbito da convivência com membros do grupo religioso – habilidades e conhecimentos que melhoram o bem-estar dos indivíduos e suas chances de vida futura através das habilidades de liderança, das habilidades para lidar com perdas e do capital cultural – e os laços sociais e organizacionais criados a partir desta convivência – estruturas de relações que afetam as oportunidades e restrições dos indivíduos, que operam através do capital social, das redes de apoio na comunidade religiosa e das habilidades fora da comunidade.

Assumindo, portanto, que a religião pode estar associada aos eventos demográficos e é capaz de afetar o comportamento dos indivíduos, tanto direta

quanto indiretamente, vejamos de que forma a religião tem aparecido nas páginas da REBEP. Antes disso, a próxima seção apresenta os dados e a metodologia.

2 Dados e Metodologia

Os dados utilizados aqui são oriundos da Revista Brasileira de Estudos de População. Criada em 1984, durante a Assembléia do III Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP (PATARRA; BILAC, 2005), a REBEP já teve oito editorias nestes 30 anos². Com relação ao conteúdo, a REBEP “é um periódico semestral, composto de artigos inéditos, de reconhecido mérito científico, sobre demografia e população e desenvolvimento sustentável, assim como de áreas afins que mantenham o diálogo com o escopo da revista” (REBEP, 2014). Disponibilizada no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) desde o segundo semestre de 2005, a REBEP atualmente está classificada no extrato A2 do Qualis/Capes das áreas de Planejamento Regional e Urbano/Demografia, Arquitetura e Urbanismo, Geografia, Sociologia e História³. Até dezembro de 2014, quando este artigo foi submetido para publicação, a REBEP contava com 54 números, todos disponíveis em sua *homepage*⁴. No SciELO, a disponibilidade começa no volume 22(2), de julho/dezembro de 2005.

Uma vez explicitado o que foi incluído na análise, é importante ressaltar o que não foi considerado aqui e o porquê. Além de dissertações, teses, textos para discussão, trabalhos publicados em outros periódicos ou apresentados em eventos, não levamos em consideração um importante meio de divulgação da produção demográfica brasileira: os Anais dos encontros da ABEP, que ocorrem a cada dois anos desde 1978. Esta opção foi feita por duas razões. A primeira é que muitos dos trabalhos apresentados nos Encontros são posteriormente publicados pela REBEP. A segunda é que a publicação em periódicos passa pela revisão dos pares e é mais valorizada nos meios acadêmicos. Apesar da REBEP ser o periódico mais

² Neide Patarra (1984-1989), Maria Coleta de Oliveira (1990-1993), Teresa Sales (1994-1996), Ana Amélia Camarano (1997-1999), Elisabete Bilac (2000-2004), Carlos Eugênio Ferreira (2005-2008), Lúri da Costa Leite e Carla Jorge Machado (2009-2012) e Suzana Cavenaghi (2013-atual).

³ Consulta em 10 de outubro de 2014.

⁴ Cf. a página da revista: <<http://www.rebep.org.br/index.php/revista>>.

importante para os demógrafos brasileiros, a produção sobre demografia e religião no Brasil é muito maior do que aquela contida nas páginas da REBEP. Outro ponto que precisa ser ressaltado é que nada sabemos sobre os artigos não aceitos para publicação. Portanto, este é um estudo dos artigos publicados.

No que diz respeito à metodologia, foi utilizada a análise de conteúdo, cujo objetivo é analisar e interpretar o sentido dos textos e/ou falas por meio de unidades de análise que podem ser palavras-chaves, termos específicos, categorias e/ou temas, permitindo identificar a frequência com que aparecem no texto e/ou fala, e, através daí, se fazer inferências replicáveis dos dados com relação ao seu contexto. Nenhuma análise de conteúdo pode prescindir do contexto no qual o texto é produzido, seja ele político, econômico ou conjuntural (KRIPPENDORFF, 1980; WATKINS, 1993). Neste sentido, é fundamental que a REBEP seja analisada levando-se em consideração quem eram os(as) editores(as) dos volumes, pois são eles(as) os responsáveis pelos caminhos trilhados pela Revista.

A análise foi feita em três etapas (RICHARDSON, 2007): (1) a pré-análise, fase primordial em que se faz a escolha do material para ser analisado e se propõe a operacionalização das ideias; se bem-sucedida, a fase seguinte se transforma na administração das decisões tomadas (BARDIN, 1977); (2) a exploração ou análise do material, na qual se faz a categorização do material selecionado, organizando as ideias nas devidas categorias de análise; e (3) o tratamento dos dados, quando respondemos as perguntas, a partir dos objetivos propostos. A formação das categorias de análise se deu através de redes de temas, de forma que os temas semelhantes foram colocados em um mesmo grupo e os grandes grupos foram identificados e nomeados (ATTRIDE-STIRLING, 2001).

Na fase 1, decidimos o escopo da análise: todos os textos da REBEP, publicados desde a sua criação (v.1, n.1/2, 1984) até o último disponível à época da submissão do artigo (v. 31, n.1, de jan/jun 2014), com exceção dos textos que reproduzissem discursos de abertura em reuniões e eventos da ABEP e dos editoriais – cuja tendência é resumir o conteúdo dos artigos presentes no número. Os textos a serem analisados deveriam conter as seguintes palavras: religião,

religiosidade, igreja, Deus, alguma categoria religiosa (católicos, evangélicos, etc, no masculino e feminino, singular e plural). Diante disso, foram analisados todos os artigos, pontos de vista, notas de pesquisa e resenhas que continham as palavras determinadas.

A estratégia de leitura incluiu alguns números em papel (desde o v.1, n.1/2, de 1984, até o v.22, n.1, de 2005) e outros em meio eletrônico, disponíveis no SciELO (a partir do v.22, n.2, de 2005)⁵. Optamos por ler os títulos, resumos e palavras-chaves – os dois últimos, sempre que disponíveis. Caso ao menos uma das palavras escolhidas para a busca fosse encontrada, o texto seria mantido. Caso nenhuma das palavras fosse encontrada no título, resumo ou nas palavras-chave, daríamos prosseguimento à busca das palavras no corpo do texto – via leitura, para os números em papel, ou através da ferramenta “localizador de palavras” (teclas *control f*), para os números no SciELO.

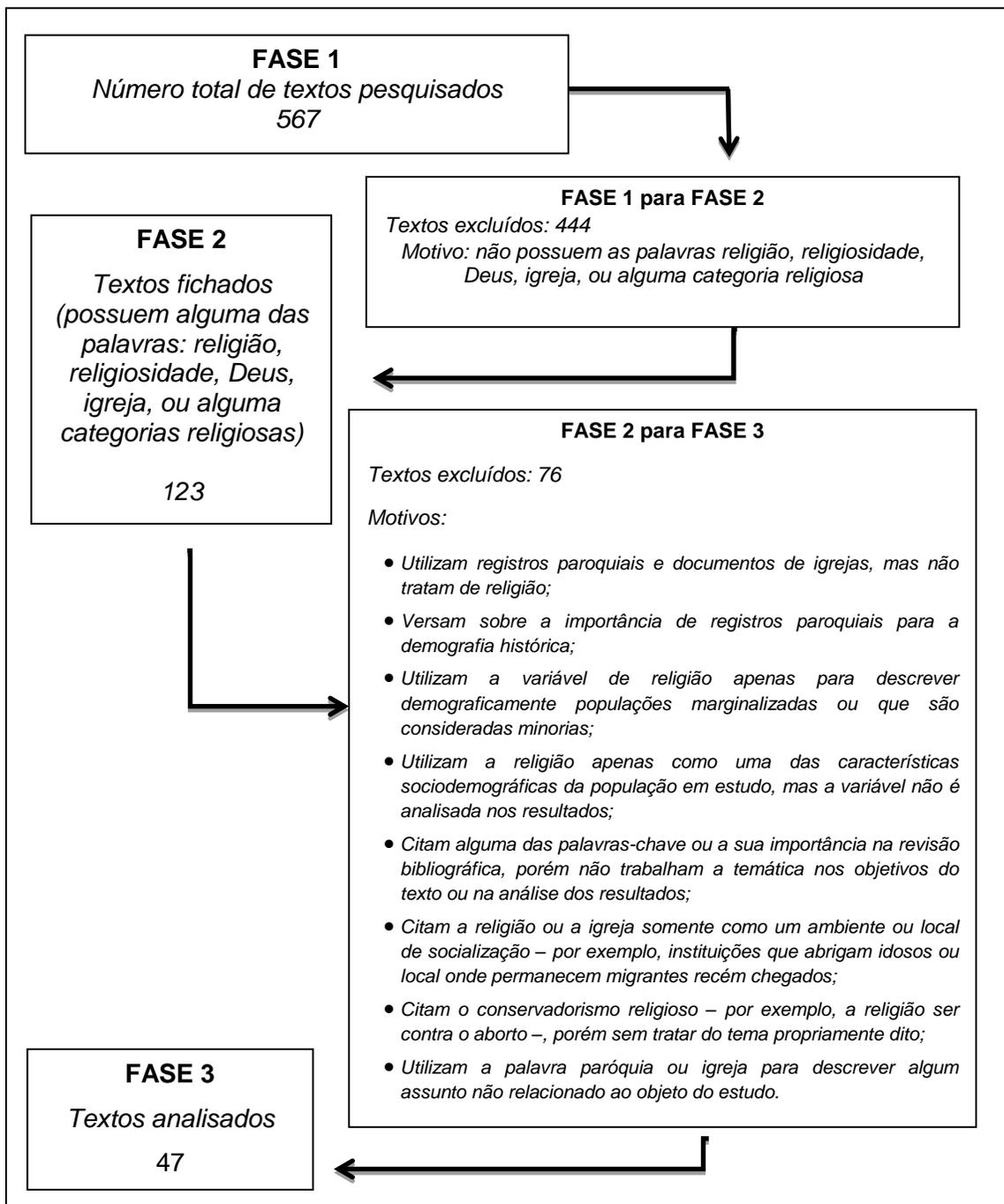
Na segunda fase, os textos selecionados foram fichados e, utilizando o programa Microsoft Excel®, colocados em planilha com as seguintes categorias: título, autores, filiação institucional, número de páginas, editores, ano, volume, número, tipo de texto (artigo, ponto de vista, nota de pesquisa ou resenha), área de concentração (de acordo com as subáreas do CNPq), natureza do estudo (quantitativo, qualitativo, quanti-quali, ensaio), método, característica da variável de religião ou religiosidade (variável de interesse, variável de controle, nenhuma das duas), utilização da variável (sim ou não), variável significativa (sim ou não), variável teve algum impacto sobre a variável principal do estudo (sim ou não), categorias religiosas estudadas, categorias de religiosidade estudadas, e resultados.

Na fase 3, foram considerados apenas os textos nos quais religião fosse a temática principal, a variável de interesse ou a de controle, ou ainda fosse relevante para a análise dos resultados. Conforme o objetivo deste artigo, os demais textos foram descartados.

⁵ Apesar de atualmente o site da REBEP oferecer todos os números, ele não foi utilizado porque o artigo começou a ser elaborado na época em que ele estava sendo reformulado, de forma que vários números estavam indisponíveis.

A Figura 1 apresenta o passo-a-passo das três etapas para a seleção dos textos que, de fato, tratam de religião ao longo dos 30 anos da REBEP. Fazem parte da figura, além do quantitativo de textos, os motivos que levaram à exclusão em cada fase.

Figura 1: Apresentação esquemática da seleção dos textos - Fases 1, 2 e 3



Fonte: Elaboração dos autores

Assim, dos 567 artigos, notas de pesquisa, pontos de vista e resenhas publicados na REBEP entre janeiro de 1984 e junho de 2014, 123 (21,7% do total) foram selecionados na fase 2. Destes, apenas 47 (8,3% do total) chegaram à fase 3, uma vez que abordavam a religião como temática principal (categoria analítica de interesse ou tema principal do estudo) ou categoria de controle, ou ainda quando relevante na análise dos resultados. A análise destes 47 textos, cuja lista completa está em anexo, é feita a seguir.

3 Resultados

Os resultados serão apresentados em dois blocos distintos. O primeiro, a seguir, traz resultados mais gerais, descritivos, enquanto o segundo, analítico, se debruça no conteúdo dos textos que tratam do tema em estudo.

3.1 Descrição dos 47 textos

Ao longo de seus 30 anos de existência, a REBEP publicou 36 artigos que tratavam de questões ligadas à religião e religiosidade. Os outros 11 textos se distribuem entre notas de pesquisa (4), pontos de vista (2) e resenhas (5), conforme a Tabela 1.

Tabela 1: Número de textos publicados com a temática religião/religiosidade, segundo o tipo de texto

Tipo de texto	Número de textos
Artigo	36
Nota de Pesquisa	4
Ponto de Vista	2
Resenha	5
Total	47

Fonte: Dados da pesquisa na REBEP.

Estas publicações não estão igualmente distribuídas ao longo do tempo. Houve momentos em que a religião e a religiosidade foram destaque nas páginas da REBEP. O Gráfico 1 indica que, até 2001, o número de artigos publicados sobre o tema em estudo foi bastante reduzido, exceto em 1995. A partir de 2002, apesar do padrão irregular, houve um crescimento do número de publicações nessa temática, com destaque para o ano de 2009, com 6 textos, e o triênio 2010-2012, com 4 textos por ano.

Gráfico 1: Número de textos publicados com a temática religião/religiosidade, segundo o ano de publicação



Fonte: Dados da pesquisa na REBEP.

Nos anos em que a produção sobre religião e religiosidade foi mais acentuada, os editores da REBEP eram Iúri Leite e Carla Machado. Durante o período deles à frente da Revista, foram publicados 18 dos 47 textos alusivos ao tema, o que corresponde a 38,3% do total. Não houve, naqueles anos, nenhum dossiê a respeito do tema ou chamada especial que privilegiasse a religião. No triênio 1997-1999, por outro lado, a religião esteve praticamente invisível na produção demográfica nacional, com apenas um texto publicado (Tabela 2).

Tabela 2: Número de textos publicados com a temática religião/religiosidade, segundo os editores/editoras da REBEP

Editor/Editora	Período	Número de textos publicados
Neide Patarra	1984-1989	3
Maria Coleta Oliveira	1990-1993	2
Teresa Sales	1994-1996	3
Ana Amélia Camarano	1997-1999	1
Elisabete Bilac	2000-2004	8
Carlos Eugênio Ferreira	2005-2008	8
Iúri Leite e Carla Machado	2009-2012	18
Suzana Cavenaghi	2013-pres	4
Total		47

Fonte: Dados da pesquisa na REBEP.

Os 47 textos em análise neste estudo foram escritos por 70 autores e co-autores, cujas filiações institucionais incluem 42 instituições distintas⁶, 10 delas internacionais. Entre as instituições nacionais, os pesquisadores vinculados ao Cedeplar, à UFPR e ao IBGE foram os que mais publicaram temas afeitos à questão da religião e/ou religiosidade na REBEP. Os autores com o maior número de textos publicados sobre a temática nestes 30 anos são Paula Miranda-Ribeiro (Cedeplar), com seis trabalhos; Sergio Odilon Nadalin (UFPR), com quatro, e Ana Paula Verona, com três, sendo que seu primeiro trabalho foi publicado enquanto ela estava vinculada à University of Texas at Austin e, os dois últimos, quando já estava atuando no Cedeplar.

No que diz respeito às subáreas do conhecimento do CNPq, há uma forte concentração em três delas: componentes da dinâmica demográfica, política pública e população, e nupcialidade e família. (Tabela 3).

⁶ Lembrando que cada autor pode ter mais de uma filiação institucional.

Tabela 3: Número de textos publicados com a temática religião/religiosidade, segundo as subáreas do conhecimento da Demografia⁷

Subárea do conhecimento	Número de textos
Componentes da dinâmica demográfica	33
Demografia econômica	0
Demografia histórica	9
Distribuição espacial	6
Fontes de dados demográficos	8
Nupcialidade e família	25
Política pública e população	25
Tendência populacional	0

Fonte: Dados da pesquisa na REBEP.

Com relação à natureza dos textos, praticamente metade é quantitativa, ou seja, utiliza dados quantitativos e aplica técnicas que vão desde reconstituição de famílias, com base em dados paroquiais, até análise de sobrevivência e modelo IPC (idade-período-coorte), passando por análises descritivas. Os de natureza qualitativa representam cerca de 1/6 do total e incluem textos que utilizaram etnografia, grupo focal, entrevista em profundidade e análise documental. Quatro textos combinam metodologia quantitativa e qualitativa, enquanto outros quatro textos foram classificados como relatos de experiência. Neste tipo de estudo, o(a) autor(a), com base em sua vivência teórica e de pesquisa, discorre sobre o tema de interesse. Por fim, há textos que tratam de métodos/metodologia (2), os trabalhos de cunho estritamente teórico (2) e aqueles que se encaixam na categoria resenha (5), conforme a Tabela 4.

⁷ Há mais áreas do conhecimento do que textos publicados porque cada texto pode estar classificado em mais de uma subárea.

Tabela 4: Número de textos publicados com a temática religião/religiosidade, segundo sua natureza metodológica

Natureza do texto quanto à metodologia	Número de textos
Quantitativo	22
Qualitativo	8
Quanti/Quali	4
Relato de Experiência	4
Método/Metodológico	2
Teórico	2
Resenha	5
Total	47

Fonte: Dados da pesquisa na REBEP.

No que tange ao conteúdo, os 47 textos foram classificados em nove temáticas, conforme a Tabela 5. O destaque é para os textos que tratam de famílias.

Tabela 5: Número de textos publicados com a temática religião/religiosidade, segundo a temática

Temas	Número de textos
Adolescência/juventude	8
Famílias	12
Migrações	7
Mortalidade e saúde	3
Política	3
Populações indígenas	4
Registros vitais	2
Religião	2
Saúde sexual e reprodutiva	6
Total	47

Fonte: Dados da pesquisa na REBEP.

Dos 47 textos analisados, onze deles trazem, no título, alguma alusão à questão religiosa, o que indica que a religião e a religiosidade ocupam lugar de destaque na argumentação. Por isso, ganham posição de destaque na análise feita a seguir.

3.2 Análise dos 47 textos

Utilizando o ano de publicação como fio condutor, o primeiro texto a fazer menção a aspectos religiosos no título é publicado já no primeiro número da REBEP. “Médicos e curandeiros: conflito social e saúde”, de Cândido Procópio Ferreira de Camargo, é uma resenha do livro de mesmo nome, escrito por Maria Andréa Loyola naquele mesmo ano. Camargo (1984) chama a atenção para os terapeutas religiosos, que não cuidam apenas das doenças espirituais, mas também das chamadas doenças materiais, até porque elas não são independentes. A partir daí, o autor ressalta que as políticas de saúde precisam levar em consideração também este tipo de atendimento.

Nove anos mais tarde, Rodolpho Telarolli Júnior publica “A secularização do registro dos eventos vitais no Estado de São Paulo”. Inicialmente a cargo da Igreja Católica, os registros de nascimentos (batismos), casamentos e óbitos no Brasil só passaram para as mãos do Estado com a Constituição de 1891. Houve grande resistência e, segundo o autor, mesmo após 50 anos da secularização, a proporção de sub-registros ainda era elevada (TELAROLLI JÚNIOR, 1993).

Em 1999, ano em que a REBEP completa 15 anos de vida, é publicado o primeiro texto que utiliza a variável religião dos censos demográficos. Escrito por René Decol, “Mudança religiosa no Brasil: uma visão demográfica” é um marco. Além de explicar as categorias utilizadas pelo Censo de 1991 e fazer comparações com os censos anteriores, o artigo chama a atenção para o fato da variável religião estar disponível nos censos demográficos desde 1940 mas, ainda assim, ter permanecido pouco estudada. Interessante é a menção a Camargo, exatamente quem escreveu a resenha publicada pela REBEP em 1984, como tendo sido um autor pioneiro, que destacava, ainda na década de 1970, o caráter secularizante do processo de urbanização brasileiro. Ao utilizar a variável religião para descrever a população brasileira, Decol (1999) mostra as transformações no espectro religioso brasileiro entre 1940 e 1991. Já naquele ano, o autor afirmava que a hegemonia católica estava em xeque. Os “ventos secularizantes” eram ainda mais fortes no

Estado do Rio de Janeiro, onde a população evangélica crescia a taxas elevadas e a proporção dos sem-religião aumentava consistentemente.

Só dez anos depois tem início a série de textos que associam a religião com outros eventos demográficos. A relação entre fecundidade na adolescência e religião em Belo Horizonte é o tema de nota de pesquisa escrita por Miranda-Ribeiro e colegas em 2009. Utilizando dados do Censo Demográfico de 2000, os autores indicam que a fecundidade das adolescentes sem religião naquele município era mais elevada se comparada com as adolescentes que declaram algum pertencimento religioso, seguida bem de perto pelas pentecostais, ao passo que a fecundidade das adolescentes católicas e protestantes era muito próxima e cerca da metade daquela observada nos outros dois grupos (MIRANDA-RIBEIRO et al, 2009).

No ano seguinte, a relação entre mortalidade infantil e envolvimento religioso da mãe foi investigada por Verona e colegas (2010), com base nos dados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) de 1996 e 2006. Os resultados sugerem que a associação entre mortalidade infantil e envolvimento religioso era mais forte em 2006 que em 1996. Em 1996, a religião e a religiosidade eram significantes nos modelos bivariados, mas a significância desaparecia nos modelos multivariados. Naquele ano, eram as crianças filhas de mães casadas que tinham menor risco de morte se comparadas àquelas cujas mães tinham status maritais outros, enquanto as crianças nascidas de mães adolescentes tinha maior risco de morrer antes de 1 ano de idade, se comparadas às filhas de mães de 20 anos ou mais. Já em 2006, o risco de morte era menor para as crianças cujas mães iam às cerimônias religiosas uma vez por semana, comparadas àquelas cuja frequência às cerimônias era menor ou nenhuma (VERONA et al, 2010).

Ainda em 2010, o artigo de Carneiro, Chagas e Nadalin discute a presença ou ausência das datas de nascimento nos registros de batismo nas paróquias de Curitiba nos séculos XVIII e XIX. Nos períodos em que as datas de nascimento eram registradas, elas estavam sempre muito próximas às de batismo, sugerindo

que a data de batismo é boa *proxy* para a de nascimento. No entanto, no período em que a data não é registrada, são observadas mudanças importantes nos costumes, com alguns batizados ocorrendo em casa, de urgência, em data mais próxima ao nascimento e sem nenhum registro ou sequer a preseça do padre, e mais tarde renovado na Igreja, com o devido registro, para cumprir os ritos necessários (CARNEIRO et al, 2010).

No ano seguinte, os efeitos diretos e indiretos da influência da religião sobre o comportamento sexual dos adolescentes foi o tema do artigo publicado por Verona. Ao reunir o arcabouço teórico de Smith (2003) com evidências quantitativas e qualitativas, a autora afirma que, no caso brasileiro, algumas igrejas protestantes e católicas carismáticas podem ser o ambiente ideal para o aparecimento de alguns dos caminhos sugeridos por Smith (VERONA, 2011).

Também em 2011, Miranda-Ribeiro resenha o livro *Religion, families and health: population-based research in the United States*, editado por Christopher Ellison e Robert Hummer e publicado em 2010, cujo tema principal são as relações entre religião, família e saúde nos Estados Unidos. Além de celebrar a escolha do tema, reconhecer a importância da obra e identificar lacunas, a autora afirma esperar que o encontro entre demografia e religião no Brasil não demore 15 anos, assim como no livro de Fernando Sabino (MIRANDA-RIBEIRO, 2011).

A verdade é que este encontro já está em curso. Somente no primeiro número da REBEP de 2014, há três textos que trazem referências à religião e/ou religiosidade no título. Um deles trata da construção da identidade étnica em uma comunidade de imigrantes italianos no Paraná a partir da transmissão dos nomes de batismo. A partir de 5.199 registros de batismo, casamento e óbito ocorridos entre 1878 e 1937, Scarpim (2014) reconstituiu famílias e percebe que há regras para nomear filhas e filhos. Os mais velhos recebem os nomes dos avós; os filhos subsequentes, de outros parentes ou santos do dia; os filhos mais novos têm nomes com outras inspirações – “literatura, nomes de personagens históricos ou bíblicos, inventados ou retirados da moda” (SCARPIM, 2014: 137). Outro texto aborda a iniciação sexual pré-marital entre as pentecostais. Os resultados revelam forte

associação entre iniciação sexual mais tardia e pentecostalismo, assim como entre iniciação sexual mais tardia e maior frequência às cerimônias religiosas (VERONA; REGNERUS, 2014). Por fim, Coutinho e Golgher (2014) analisam os efeitos de idade, período e coorte associados à filiação religiosa entre 1980 e 2010. Os resultados revelam que a chance de ser pentecostal decresce com o aumento da educação formal, exceto para as coortes mais jovens, enquanto níveis mais elevados de educação estão associados com uma maior proporção de auto-declarados sem religião. Os autores chamam a atenção para as implicações políticas de um aumento da população evangélica, que tende a ser contrária a questões de saúde sexual e reprodutiva, incluindo o aborto.

A análise dos 36 artigos que não fizeram nenhuma menção à religião ou religiosidade no título será feita tendo a temática como fio condutor. O tema de maior destaque foi, de longe, a formação de famílias. Catelli (1989), ao resenhar a obra de Louis Roussel, *La famille incertaine*, mostra como as relações familiares foram se transformando, ao mesmo tempo em que houve mudanças também no papel da Igreja em relação à família, na medida em que a primeira perde o monopólio para realizar os contratos matrimoniais, tornando as relações mais seculares. Em outra resenha, referente ao livro de Goran Therborn, *Between sex and power. Family in the world*, que discute os grandes sistemas familiares no mundo, Bilac (2004) observa que o autor destaca o papel da Igreja na orientação para a formação de família e as políticas controlistas da fecundidade. A comunidade evangélica luterana de Curitiba entre 1866 e 1939 está em três textos de Nadalin. Um deles compara famílias ditas estáveis, com as de migrantes, revelando que a fecundidade das últimas tende a ser maior que a das primeiras (NADALIN; BIDEAU, 1995). Outro discute a utilização de software para a reconstituição de famílias (NADALIN, 1995) e, finalmente, um terceiro revisita a metodologia de reconstituição de família, numa história de reconstrução de fronteiras étnico-religiosas (NADALIN, 2007). Já Berquó e Loyola (1984), por sua vez, analisam a relação entre tipo de união e fecundidade em 9 contextos distintos, com base em pesquisa feita entre 1975 e 1977, portanto anterior à promulgação da

lei do divórcio. Os resultados revelam que houve um aumento das uniões consensuais, em detrimento das religiosas e até mesmo das civis. Interessante notar que as razões mais importantes para se ter uma união só religiosa, entre aqueles que viviam neste tipo de união, eram, além de vantagens religiosas, a possibilidade de trocar de companheiro. Também em Portugal houve uma redução nos casamentos religiosos (católicos), em comparação aos casamentos civis (FERREIRA; RAMOS, 2012). Já nos Estados Unidos, o casamento perdeu importância e deixou de ser obrigatório para ser opcional, conforme resenha do livro de Andrew Cherling, *The marriage go-round* (TOMÁS, 2011). Segundo o autor do livro, o casamento deixou de significar segurança econômica, aliança familiar e compromisso religioso e passou a ter um significado mais individualista, com cada parceiro preservado seus interesses e expressões individuais. De volta ao Brasil, um estudo sobre a escolha do cônjuge, desde o período colonial até o início do século XXI, disserta sobre o papel da Igreja Católica e do Estado nas práticas de namoro e noivado (LEVY, 2009). Itaboraí (2003), por sua vez, ao analisar a relação entre trabalho feminino e mudanças nos arranjos familiares, mostra que a filiação religiosa não afeta o uso de contracepção, porém as chances de desejo por um novo filho são maiores entre mulheres católicas e entre aquelas que se declararam como de outras religiões, enquanto Andreazza (2002) discute família e comportamento reprodutivo entre os imigrantes ucranianos, ressaltando que os católicos romanos são menos conservadores que os uniatas. Já o estudo de Truzzi (2012), que trata dos padrões de nupcialidade em São Paulo entre 1860 e 1930, revela que a origem nacional e a raça do indivíduo eram importantes nos casamentos católicos, a despeito da grande onda migratória do início do século XX.

Um outro tema bastante presente foi a migração. Começando no passado, Bastos (2014) trata dos deslocados pós Segunda Guerra Mundial de origem polonesa, divididos entre católicos romanos, católicos ortodoxos, protestantes e judeus. Movendo para os dias de hoje, Marandola e Dal Galo (2010) analisam implicações existências e territoriais da migração na vida dos indivíduos, salientando que, dentre os elementos e situações que podem tornar os migrantes vulneráveis, está o aspecto religioso. Já Fazito e Rios-Neto (2008), em um estudo

sobre o papel das redes sociais nas migrações internacionais de brasileiros para os Estados Unidos, sugerem que as igrejas evangélicas podem operar como recrutadoras e incentivadoras da emigração de brasileiros para os EUA, pois elas oferecem apoio social aos imigrantes, auxiliando-os na integração com o mundo do trabalho. Para além das fronteiras nacionais, Zenteno (1987) discute a questão migratória mexicana, estabelecendo uma relação dos fatores socioeconômicos com as mudanças na fecundidade e o papel da religião. O autor pontua o papel das Igrejas protestantes e seu papel de suporte aos migrantes quando estes atravessam a fronteira com os Estados Unidos. Um exemplo concreto de vulnerabilidade do migrante é apresentado por Castro (2005), que discute a polêmica sobre o direito ao uso do *hiyab* (véu) por alunas muçulmanas em escolas francesas, uma vez que o véu, assim como outros símbolos religiosos, representa um paradoxo entre um direito cultural e o laicismo político, que seria característica de um Estado moderno e racional. O trabalho de Jones (2012), por sua vez, ressalta o papel da religião nos estudos sobre migrações, pois a composição étnica e religiosa pode afetar a população local. O autor menciona, ainda, o fato de haver uma preferência por parceiros de mesma religião para o casamento em regiões onde há indivíduos de várias nacionalidades.

Com relação à saúde sexual e reprodutiva, há dois artigos sobre contracepção, um sobre aborto, um sobre consulta ginecológica e outro sobre saúde e masculinidade, além de uma nota de pesquisa. Lacerda et al (2005) revelam que as mulheres que não fazem uso de contracepção por motivos religiosos, financeiros ou de saúde também são as que têm baixa escolaridade e trabalho vulnerável. Já Scott et al (2002), ao discutir sexualidade e comportamento reprodutivo, identificam a conversão religiosa enquanto razão para evitar o sexo antes do casamento. Rocha et al (2009), por sua vez, discutem a questão política do aborto no Brasil, Uruguai e Argentina e mostram como os parlamentares que são contra a discriminação do aborto estão, em geral, vinculados a religiões cristãs. Torres et al (2008), em um estudo sobre o acesso à consulta ginecológica, identificam uma associação entre a religião e o comportamento das mulheres com relação à sua

saúde sexual e reprodutiva. As mulheres que têm probabilidades mais elevadas de estarem no perfil caracterizado por melhor acesso às consultas ginecológicas são também as que têm maiores chances de terem alta escolaridade (12 anos ou mais de estudo) e de serem atérias ou professarem outras religiões que não a católica. Finalmente, Costa (2003) investiga a relação entre saúde e masculinidade e entrevista 20 homens, em sua maioria católicos com pouca frequência à igreja, que procuram serviços ambulatoriais de esterilidade ou contracepção. Há, ainda, uma nota de pesquisa que trata de combinação quanti-quali inovadora, aplicada ao acesso à contracepção e ao diagnóstico e tratamento de câncer de colo uterino. Através do uso do método Grade of Membership (GoM), foram criados perfis de mulheres que, posteriormente, foram entrevistadas no módulo qualitativo da pesquisa, perfis estes que incluíram a variável religião (MIRANDA-RIBEIRO et al, 2007).

Levando em consideração a questão etária, adolescentes e jovens são bastante contemplados nos textos analisados, os quais, em sua maioria, tratam também de saúde sexual e reprodutiva. Ao apresentar o universo sociocultural de jovens e analisar como diferentes dimensões da vida familiar, escolar e de trabalho interferem na constituição do ser jovem, Guimarães (2002) afirma que, dentre as diferentes instituições sociais existentes, a família, a Igreja e a escola são mencionadas pelos jovens como as mais importantes em suas vidas. Pinho e seus colaboradores (2002), em um estudo voltado para a identificação de fatores estruturais e comportamentais associados ao uso de preservativos entre jovens brasileiros sexualmente ativos entre 16 e 24 anos, verificaram que a maioria dos jovens havia declarado pertencer à religião católica (67%), independentemente da cor de pele. Já a religião pentecostal, segunda com maior número de seguidores, apresentou maior concentração de jovens que se autodenominaram brancos. O número de homens que se declararam sem religião (19%) foi mais alto que o de mulheres (4%) e não diferiu entre as categorias de cor. Cabe ressaltar que a análise do uso de preservativo não discutiu a forma como a religião poderia estar associada a esta questão. Já no estudo de Longo (2002), a religião não teve associação com o comportamento sexual e reprodutivo das jovens de 15 a 24 anos. Ao estudar

gravidez na adolescência em Belo Horizonte, Chacham et al (2012) verificam que, entre mulheres de camadas populares, há uma predominância de evangélicas vis-à-vis católicas. A gravidez propriamente dita, por sua vez, não mostrou nenhuma associação com a filiação religiosa das entrevistadas. Já Miranda-Ribeiro e Potter (2010), em nota de pesquisa, sugerem que a única instituição que exercia alguma força contrária à intensidade das mudanças ideacionais nas perspectivas das jovens contempladas na pesquisa era a religião.

A questão do indígena é outra temática frequente. Pena et al (2009) apresentam uma caracterização demográfica e uma descrição de aspectos políticos, sociais e econômicos que marcam os Xakriabás. Os resultados do estudo indicam uma forte relação entre as esferas política e religiosa, uma vez que mais de 90% da população indígena Xakriabá se autodeclarava católica. Porém, para exercer algum tipo de liderança na tribo, especialmente para se tornar um cacique, os indígenas deveriam acreditar em Yayá, personagem da cosmologia Xakriabá que faz sincretismo entre o catolicismo e religiões de origem pentecostal. Também em 2009, Pereira e seus colaboradores abordaram questões relacionadas à população indígena no Brasil. Ao utilizarem uma metodologia inovadora para estimar características de populações que vivem em áreas não contíguas, a partir de uma amostra, os pesquisadores observam, a partir dos dados do Censo Demográfico de 2000, que a população indígena Xavante também se autodeclarava, majoritariamente, como católica (PEREIRA et al, 2009). Ainda naquele mesmo ano, Fígoli e Fazito (2009), em um estudo sobre redes sociais com migrantes indígenas, destacaram que as missões religiosas, ao reunir índios de diferentes categorias étnicas no mesmo espaço dentro das missões, geraram aumento no conflito entre diferentes tribos. A análise de redes revelou que, apesar de misturados entre si, os índios migrantes continuavam respeitando os vínculos tribais e as missões serviam como ponte para a migração para outras localidades. Já Levy (2008) discutiu questões relacionadas às perspectivas de crescimento das populações indígenas, relacionando-as aos direitos constitucionais e, neste contexto, apontou para o papel de diferentes instituições, dentre as quais as

missões religiosas, nas diversas mudanças ocorridas nas relações do Estado com as nações indígenas.

A relação entre política e religião também está nas páginas da REBEP. Matos (2012), por exemplo, faz uma rica análise sobre o exercício do poder e o desenvolvimento dos países, desde antes da civilização grega, mostrando como a religião esteve presente em ideias expansionistas (territoriais e de poder). Já Alves (1995) discute o paradigma de Huntington, no qual o conflito entre as nações após a guerra fria (capitalismo X comunismo) é, na verdade, um conflito baseado nas culturas das grandes religiões. Santos (2003), por sua vez, em um estudo sobre a população de baixa renda, descreve o trabalho da Caritas Internationalis e de outros padres engajados na ação política por meio da Teologia da Libertação, que tiveram parte na mobilização dos trabalhadores rurais contra o conservadorismo político das oligarquias.

Comentários finais

O objetivo deste estudo foi fazer um inventário da produção científica sobre demografia e religião publicada na REBEP entre 1984 e junho de 2014. Ao todo, foram analisados 47 textos (artigos, notas de pesquisa, pontos de vista e resenhas) que traziam a religião/religiosidade enquanto temática principal, variável de interesse ou de controle, ou ainda como elemento relevante para a análise dos resultados.

Ao longo dos primeiros 30 anos de existência da REBEP, a religião e a religiosidade estiveram presentes em suas páginas. Se o início foi tímido, o uso da religião enquanto variável de interesse passou a ser mais consistente a partir do final da década de 2000, momento em que os dados censitários evidenciaram ainda mais o declínio de pessoas autodeclaradas católicas e o aumento da proporção de evangélicos e sem religião. No entanto, o número de artigos ainda

não faz jus ao forte trânsito religioso e à importância que a religião tem não apenas enquanto instituição, mas como balizador de comportamentos.

Os 47 textos envolveram 70 autores de 42 instituições distintas e foram agrupados em nove temáticas, com destaque para as famílias e os adolescentes/jovens. Vinte e dois deles utilizaram apenas dados quantitativos, oito usaram dados qualitativos e apenas quatro combinaram dados quantitativos e qualitativos. Em onze, a religião aparecia já no título.

As lacunas nos estudos que entrelaçam demografia e religião, sejam temáticas ou metodológicas, são um indicativo da complexidade das discussões que envolvem estes universos. Tal complexidade, no entanto, expressa a necessidade de análises demográficas rigorosas que incorporem em seu escopo a categoria religião e/ou religiosidade. Isto é de fundamental importância pois, como defende Willaime (2012), a análise plural, ou seja, aquela que envolve pesquisadores de diferentes áreas, permite que cada um, de modo específico, aborde o objeto. Ainda de acordo com Willaime (2012, p. 9-10),

se, como resultado dessa multiplicidade olhares, um mesmo universo religioso se apresenta de diferentes perspectivas, será através das questões específicas observadas por um olhar particular que a totalidade dos universos religiosos poderá ser apreendida.

Apesar da série histórica oferecida pelos censos demográficos desde 1940, muito rica e, sem dúvida, ainda pouco explorada nas páginas da REBEP, a literatura aponta para a importância de utilizar não apenas a filiação religiosa, mas também a frequência às cerimônias, que mede a religiosidade. No entanto, esta informação não está disponível nos censos. Pesquisas que trazem esta informação – por exemplo, a PNDS – são restritas em termos dos comportamentos demográficos que podem ser estudados, bem como do nível de análise que pode ser feito, uma vez que não há sequer representatividade para todas as unidades da

federação. No caso da PNDS, ainda há outro agravante: ela exclui os homens e as mulheres fora da idade reprodutiva.

Outra lacuna importante com relação aos dados quantitativos disponíveis é o fato da religião ser corrente, um retrato do momento da pesquisa, sem a necessária correspondência temporal com os eventos demográficos em análise. Sem informações retrospectivas ou pesquisas longitudinais, é impossível investigar o papel da religião em um evento ocorrido no passado sem assumir, heróica e, muitas vezes, erroneamente, que não houve mudança de filiação religiosa ao longo da vida. A variável “religião em que foi criada”, que está na PNDS, por exemplo, minimiza um pouco o problema ao permitir que sejam estudadas apenas as mulheres cuja religião atual é a mesma da criação. Ainda assim, a variável não captura movimentos de ida para outras religiões e volta para a mesma filiação religiosa em que foi criada, movimentos estes que têm se tornado comuns com o aumento do trânsito religioso.

Para alavancar os estudos que relacionam demografia e religião no Brasil, seria fundamental que os censos demográficos passassem a coletar, ao menos, a informação sobre frequência às cerimônias religiosas. A pergunta é direta e objetiva e a resposta pode ter poucas categorias. Quanto à religião em que foi criado(a), quem sabe em uma pesquisa amostral? Ficam aqui as nossas sugestões ao IBGE.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.; MONTERO, P. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 92-101, 2001.

ATTRIDE-STIRLING, J. Thematic networks: an analytical tool for qualitative research. **Qualitative Research**, Cardiff University, UK, v.1, n.3, p. 385-405, 2001.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CUNHA, N. M.; RIOS-NETO, E. L. G.; OLIVEIRA, A. M. H. C. Religiosidade e desempenho escolar: o caso de jovens brasileiros da região metropolitana de Belo Horizonte. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Brasília, n. 44, n. 1, p. 71-116, abril 2014.

GOLDSCHIEDER, C. Religious values, dependencies, and fertility: Evidence and implications from Israel. In LEETE, R. (ed.), **Dynamics of Values in Fertility Change**. Oxford: Oxford University Press, pp. 310–330, 1999.

GOLDSCHIEDER, C.; MOSHER, W. D. Patterns of contraceptive use in the United States: The importance of religious beliefs. **Studies in Family Planning**, New York, v. 22, p. 102–115, 1991.

HAGAN, J.; EBAUGH, H. R. Calling upon The Sacred: Migrants' Use of Religion in the Migration Process. **International Migration Review**, New York, v. 37, n. 4, p. 1145–1162, 2003.

HUMMER, R. A.; ELLISON, C. G.; ROGERS, R. G.; MOULTON, B. E.; ROMERO, R. R. Religious Involvement and Adult Mortality in the United States: Review and Perspectives. **Southern Medical Journal**, San Antonio, Texas, v. 97, n. 12, p. 1223–1230, 2004.

HUMMER, R. A., ROGERS, R. G., NAM, C. B., & ELLISON, C. G. Religious involvement and US adult mortality. **Demography**, Washington, v. 36, n. 2, p. 273–285, 1999.

IBGE. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Comunicação Social, 29 jun/12 Disponível em <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>>. Acesso em: 16 jul. 2012.

IBGE. Tendências demográficas: uma análise dos resultados da amostra do Censo Demográfico 2000. Informação Demográfica Socioeconômica número 13. 2004. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/tendencias.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2012.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: an introduction to its methodology**. Newbury Park: Sage, 1980.

MALTHUS, T. R. **Princípios de Economia Política e considerações sobre sua aplicação prática e ensaio sobre a população**. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Economistas).

MCKINNON, S.; POTTER, J. E.; GARRARD-BURNETT, V. Adolescent fertility and religion in Rio de Janeiro, Brazil in the year 2000: the role of protestantism. **Population Studies**, London, v. 62, n. 3, p. 289–303, 2008.

MCQUILLAN, K. When Does Religion Influence Fertility? **Population and Development Review**, New York, v. 30, n. 1, p. 25–56, 2004.

MULLER, C.; ELLISON, C. G. “Religious involvement, social capital, and adolescents' academic progress: evidence from the nation education longitudinal study of 1988”. **Sociological Focus**, Michigan, v. 34, n. 2, p. 155–183, 2001.

MYERS, S.M. The impact of religious involvement on migration. **Social Forces**, Chapel Hill, v. 79, p. 755–783, 2000.

NOTESTEIN, F. W. Population: the long view. In: SCHULTZ, T.W. (Ed.) **Food for the World**. Chicago: University of Chicago Press, 1945. p. 36-57.

OGLAND, C. P.; BARTKOWSKI, J. P.; SUNIL, T. S.; XIAOHE, X. Religious influences on teenage childbearing among Brazilian female adolescents: a research note. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Indianapolis, v. 49, n. 4, p. 754-760, 2010.

PAGE, R. L.; ELLISON, C. G.; LEE, J. Does religiosity affect health risk behaviors in pregnant and postpartum women? **Maternal and Child Health Journal**, Washington, v. 13, n. 5, p. 621-632, 2008.

PATARRA, N. L. & BILAC, E. D. Revista Brasileira de Estudos de População: do nascimento à pós-maioridade. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, n. 22, n. 2, p. 231-231, 2005.

REBEP. Políticas editoriais: foco e escopo. Disponível em:
<<http://www.REBEP.org.br/index.php/revista/about/editorialPolicies#focusAndScope>>. Acesso em: 20 set 2014.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SMITH, C. Theorizing Religious Effects among American Adolescents. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Indianapolis, v. 42, n. 1, p. 17-30, 2003.

VAALER, M. L.; ELLISON, C. G.; POWERS, D. A. Religious Influences on the Risk of Marital Dissolution. **Journal of Marriage and Family**, Minneapolis, v. 71, n. 4, p. 917–934, 2009.

VAN DE KAA, D. J. Europe's second demographic transition. **Population Bulletin**, Washington, v. 42, p 1-57, 1987.

VERONA, A. P. A.; DIAS JUNIOR, C. S. Religião e fecundidade entre adolescentes no Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, Danvers, v. 31, n. 1, p. 25-31, 2012.

VERONA, A. P. A.; REGNERUS, M. Pentecostalism and premarital sexual initiation in Brazil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 99–115, 2014.

WAITE, L. J.; LEHRER, E. L. The benefits from marriage and religion in the United States: A comparative analysis. **Population and Development Review**, New York, v. 29, n. 2, p. 255–275, 2003.

WATKINS, S. C. If All We Knew About Women Was What We Read in Demography, What Would We Know? **Demography**, Washington, v. 30, n. 4, p. 551-77, 1993.

WILLAIME, J. P. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

ANEXO

47 TEXTOS ANALISADOS

ALVES, J.A.L. Conferência do Cairo sobre População e Desenvolvimento e o paradigma de Huntington. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1 e 2, p. 3-20, 1995.

ANDREAZZA, M.L. Sobre regimes demográficos restritos: comportamento reprodutivo e cultura familiar entre os ucranianos no meio rural paranaense (95-1980). **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 71-89, 2008.

BASTOS, S.; SALLES, M. R. R. A imigração polonesa para São Paulo no pós-Segunda Guerra Mundial no quadro das entradas dos “deslocados de guerra”: 1947 a 1951. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 151-167, 2014.

BERQUÓ, E. S.; LOYOLA, M. A. União dos Sexos e Estratégias Reprodutivas no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1 e 2, p. 36-97, 1984.

BIDEAU, A.; NADALIN, S.O. Um ensaio sobre o tema da fecundidade diferencial: famílias estáveis e famílias (i)migrantes. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1 e 2, p. 169-180, 1995.

BILAC, E.D. Plus ça change... **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 161-166, 2004.

CAMARGO, C.P.F. Médicos e Curandeiros: conflito social e saúde. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1 e 2, p. 195-196, 1984.

CARNEIRO, M.G.; CHAGAS, P.R.; NADALIN, S.O. Nascer e garantir-se no Reino de Deus; Curitiba, séculos XVIII e XIX. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 361-384, 2010.

CASTRO, M.G. Estranhamentos e identidades. Direitos humanos, cidadania e o sujeito migrante. Representações em textos diversos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 5-28, 2005.

CATELLI, R. La Famille Incertaine. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 97-102, 1989.

CHACHAM, A.S.; MAIA, B.M.; CAMARGO, M.B. Autonomia, gênero e gravidez na adolescência: uma análise comparativa da experiência de adolescentes e mulheres jovens provenientes de camadas médias e populares em Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 389-407, 2012.

COSTA, R.G. Saúde e masculinidade: reflexões de uma perspectiva de gênero. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 79-92, 2003.

COUTINHO, R.Z.; GOLGHER, A.B. The changing landscape of religious affiliation in Brazil between 1980 and 2010: age, period, and cohort perspectives. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 73-98, 2014.

DECOL, R.D. Mudança religiosa no Brasil: uma visão demográfica. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1 e 2, p. 121-137, 1999.

FAZITO, D.; RIOS-NETO, E.L.G. Emigração internacional de brasileiros para os Estados Unidos: as redes sociais e o papel de intermediação nos deslocamentos exercido pelas agências de turismo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 305-23, 2008.

FERREIRA, A.C.; RAMOS, M. Padrões de casamento dos imigrantes brasileiros residentes em Portugal. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 361-387, 2012.

FÍGOLI, L. H. G.; FAZITO, D. Redes sociales en una investigación de migración indígena: el caso de Manaus. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 77-95, 2009.

GUIMARÃES, M.T.C. Juventude, educação e campo simbólico. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 295-298, 2002.

ITABORAÍ, N.R. Trabalho feminino e mudanças na família no Brasil (1984-1996): explorando relações. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 157-176, 2003.

JONES, G.W. Population and development beyond the first demographic transition: a focus on the experience of East and Southeast Asian countries. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 267-281, 2011.

LACERDA, M.A.; MIRANDA-RIBEIRO, P.; CAETANO, A.J; MACHADO, C.J. Mensuração e perfis de demanda insatisfeita por contracepção nos municípios de Belo Horizonte e Recife, 2002. **Revista Brasileira de Estudos de População** Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 113-129, 2005.

LEVY, M.S.F. A escolha do cônjuge. **Revista Brasileira de Estudos de População** Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 117-133, 2009.

LEVY, M.S.F. Perspectivas do crescimento das populações indígenas e os direitos constitucionais. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 387-397, 2008.

LONGO, L.A.F.B. Juventude e contracepção: um estudo dos fatores que influenciam o comportamento contraceptivo das jovens brasileiras de 15 a 24 anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 229-247, 2002.

MARANDOLA Jr., E; GALLO, P.M.D. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, 2010.

MATOS, R. População, recursos naturais e poder territorializado: uma perspectiva teórica supratemporal. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 451-476, 2012.

MIRANDA-RIBEIRO, P. Encontro marcado entre demografia e religião. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 483-484, 2011.

MIRANDA-RIBEIRO, P.; LONGO, L.A.F.B.; RIOS-NETO, E.L.G.; POTTER, J.E. Fecundidade na adolescência e religião em Belo Horizonte: um primeiro exercício. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 305-308, 2009.

MIRANDA-RIBEIRO, P.; POTTER, J.E. Sobre “se perder”, “vacilar” e não encontrar o “homem certo”: mudanças ideacionais, instituições e a fecundidade abaixo do nível de reposição. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 227-231, 2010.

MIRANDA-RIBEIRO, P.; SIMÃO, A.B.; CAETANO, A.J.; PERPÉTUO, I.H.O.; LACERDA, M.A.; TORRES, M.E.A. Acesso à contracepção e ao diagnóstico do câncer de colo uterino em Belo Horizonte: uma contribuição metodológica aos estudos quanti-quali. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 341-344, 2007.

NADALIN, S.O. Gestão e Análise da população: por uma história demográfica dos contatos culturais em Curitiba, 1866-1939. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1 e 2, p. 181-191, 1995.

NADALIN, S.O. Reconstituir famílias e demarcar diferenças: virtualidades da metodologia para o estudo de grupos étnicos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 5-18, 2007.

PENA, J.L.; HELLER, L.; DIAS JÚNIOR, C.S.D. A população Xakriabá, Minas Gerais: aspectos demográficos, políticos, sociais e econômicos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 51-59, 2009.

PEREIRA, N. O. M.; BRITO, J.A.M.; ALBIERI, S.; DIAS, A.J. R.; SANTOS, R.V. Como tratar os dados da amostra do Censo Demográfico 2000 na obtenção de estimativas para os “indígenas”? Um estudo a partir das Terras Indígenas Xavante, Mato Grosso. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 183-195, 2009.

PINHO, M.D.; BERQUÓ, E.; OLIVEIRA, K.A.; LOPES, F.; LIMA, L.C.A.; PEREIRA, N. Juventudes, raça e vulnerabilidades. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 277-294, 2002.

ROCHA, M.I.B.; ROSTAGNOL, S.; GUTIÉRREZ, M.A. Aborto y Parlamento: un estudio sobre Brasil, Uruguay y Argentina. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 219-236, 2009.

SANTOS, L.A.C. A vez da mulher camponesa: movimento social, identidade e saúde no Maranhão (um relato hirschmaniano). **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 43-62, 2003.

SCARPIM, F.A. Família, religiosidade e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 135-150, 2014.

SCOTT, R.P.; QUADROS, M.; LONGHI, M. Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 209-228, 2002.

TELAROLLI JÚNIOR, R. A secularização do registro dos eventos vitais no Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1 e 2, p. 145-156, 1993.

TOMÁS, M.C. Self-expression and family values: how are they related to marriage, divorce, and remarriage? **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 241-244, 2011.

TORRES, M.E.A; MIRANDA-RIBEIRO, P.; MACHADO, C.J. “Vai lá, tira a roupa... e... pronto...”: o acesso a consultas ginecológicas em Belo Horizonte, MG. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 49-69, 2008.

TRUZZI, O.M.S. Padrões de nupcialidade na economia cafeeira de São Paulo (1860-1930). **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 169-189, 2012.

VERONA, A.P.A. Explicações para a influência da religião no comportamento sexual de adolescentes no Brasil: efeitos diretos e indiretos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 187-201, 2011.

VERONA, A.P.A.; HUMMER, R.; DIAS JÚNIOR, C.S.; LIMA, L.C. Infant mortality and mothers' religious involvement in Brazil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 59-74, 2010.

VERONA, A.P.A.; REGNERUS, M. Pentecostalism and premarital sexual initiation in Brazil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 99-115, 2014.

ZENTENO, R.B. E agora, o que fazemos? **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 21-31, 1987.